



Papa Francisco: Um caso de historiografia teológica da misericórdia

*Pope Francis:
A case of theological historiography of mercy*

*Rodolfo Gasparini Morbiolo
David Roger Siqueira*

Resumo

Há distância de 10 de anos de pontificado vão se desenhando balanços teológicos-pastorais do ministério de Francisco, também no sentido de preservar princípios fundamentais para o futuro da Igreja. O Papa tem influenciado uma verdadeira revolução na hermenêutica eclesial do pós-Vaticano II. Sua leitura eclesial pastoral passa pelo princípio cristão inalienável da misericórdia, completamente encarnado em sua atitude episcopal desde sua apresentação ao povo quando eleito, como ainda de modo mais eficaz pela proclamação do jubileu da misericórdia. Seria ainda necessário assinalar sua condescendência para com a humanidade inteira durante a pandemia Covid19, e a heroicidade da maneira como suporta os ultrajes que sofre dentro da própria Igreja, verdadeira obra de misericórdia. Não parece ser exagerada, a identificação que lhe fizeram como o Papa da Misericórdia, inclusive partindo de seu lema de ministério. O presente artigo, conjugando as contribuições teológicas do jovem teólogo David Roger Siqueira em sua monografia de conclusão da graduação em teologia, sob orientação do Me. Pe. Rodolfo Gasparini Morbiolo, recupera a historiografia teológica de uma vida encarnada na misericórdia pastoral, que esculpe em Francisco a face terna da misericórdia divina, com a qual manifesta a luz de Deus sobre a Igreja e sobre o mundo.

Palavras-Chave: Papa Francisco. Misericórdia. Historiografia.

Abstract

Ten years into the pontificate, theological-pastoral balance sheets of Francis' ministry are being drawn up, also in the sense of preserving fundamental principles for the future of the Church. The Pope has influenced a veritable revolution in post-Vatican II ecclesial hermeneutics. His pastoral ecclesial reading passes through the inalienable Christian principle of mercy, completely incarnated in his episcopal attitude since his presentation to the people when elected, and even more effectively by the proclamation of the jubilee of mercy. It would also be necessary to point out his condescension towards the whole of humanity during the Covid19 pandemic, and



the heroic way in which he endured the outrages he suffered within the Church itself, a true work of mercy. It does not seem to be exaggerated, the identification that they made him as the Pope of Mercy, even starting from his motto of ministry. The present article, combining the theological contributions of the young theologian David Roger Siqueira in his monograph for the conclusion of the graduation in theology, under the guidance of Me. Pe. Rodolfo Gasparini Morbiolo recovers the theological historiography of a life incarnated in pastoral mercy, which sculpts in Francis the tender face of divine mercy, with which he manifests the light of God on the Church and on the world.

Keywords: Pope Francis. Mercy. Historiography.

Introdução

Para efeito deste artigo, entenda-se historiografia conforme a explicitação de Marcel Chappin, como “um produto duas vezes humano: trata-se, de fato, de atividades e vicissitudes dos seres humanos que são estudadas, descritas, interpretadas, avaliadas e julgadas por seres humanos”.¹ Neste sentido, esta ciência está sempre condicionada a uma organização subjetiva, isto é, “baseia-se necessariamente em toda uma série de escolhas e decisões pessoais”,² sem descurar sua fundamentação objetiva nas fontes históricas. Aqui tem lugar a hipótese deste artigo: estariam verdadeiramente arraigadas na vida de Francisco suas referências teológico-pastorais que remetem ao princípio cristão da misericórdia? E, sendo assim, quais luzes pastorais dessa integração vital precisam ser preservadas para continuarem a iluminar a vida da Igreja e do mundo atuais?

No dia 11 de fevereiro de 2013, após oito anos de pontificado e aos 85 anos de idade, papa Bento XVI surpreendia o mundo, e até mesmo a Cúria Romana, ao anunciar diante de um Consistório sua renúncia ao ministério petrino. Poucas horas depois, o cardeal Jean-Louis Tauran anunciava ao mundo que o eleito era o cardeal argentino Jorge Mário Bergoglio e que o nome que ele utilizaria seria Francisco. Nos seus primeiros gestos e palavras, o papa eleito, já sinalizava o que seria o perfil do seu pontificado. Dentre estes sinais, um de grande significado foi a escolha do mote que acompanharia seu brasão, o mesmo escolhido para sua consagração episcopal: *Miserando atque eligendo*, isto é: *Olhou-o com misericórdia e o escolheu*.

Temática não nova, especialmente a partir do Concílio Vaticano II, bem situada no magistério dos papas, em Francisco o tema possui uma particularidade. A novidade consiste em que ele a converteu na chave do seu pontificado, no ponto álgido da hierarquia das verdades cristãs, no centro do anúncio evangélico.³ Esta centralidade, torna-se ainda mais evidente quando no dia 13 de março de 2015, ele anuncia a realização de um jubileu extraordinário que teria como centro a Misericórdia de Deus.

Esta iniciativa surpreendeu a muitos, inclusive no interior da Igreja. Afinal, frente à contemporaneidade, marcada por um aumento incontável de desafios como o crescimento descontrolado da imigração, a fome, guerras, desvalorização da dignidade humana, entre outros,

¹ CHAPPIN, M., Introdução à história da Igreja, p. 70.

² CHAPPIN, M., Introdução à história da Igreja, p. 71.

³ CODINA, V., O Papa Francisco, uma revolução da Misericórdia.

bem como os problemas propriamente eclesiais tais como o diálogo com o mundo moderno, a diminuição de católicos, a necessidade de reformas estruturais etc.; emerge a indagação, acerca da relevância e implicações do tema da Misericórdia para o mundo neste momento, tendo em vista a existência de abordagens consideradas por muitos como mais urgentes.

Diante da abrangência do tema, este artigo recupera brevemente a biografia de Jorge Mario Bergoglio, em busca das fontes da historiografia da misericórdia em sua vida, e no ministério eclesial nela inserida. O objetivo é compreender a cosmovisão de Francisco, que fora construída no seio da sua família na Argentina do século XX, bem como na sua formação jesuíta, e posteriormente na sua responsabilidade como superior geral da congregação em um dos momentos mais desafiadores da história recente do país e em seu episcopado na grande e contrastante Buenos Aires.

Objetiva-se tornar evidente que a temática da misericórdia não possui em Francisco uma dimensão meramente intelectual, mas antes é fruto de uma dinâmica vivencial, arraigada em sua própria história, como enfatiza Torralba.⁴ Em seguida, é apresentada a proposta eclesial e pastoral do Papa aos crentes que se colocam no dinamismo do amor misericordioso de Deus, haurida da Bula de convocação do Jubileu da Misericórdia, e de três gestos bem destacados do Papa: na viagem do Papa à ilha de Lampedusa (2013); na abertura da primeira Porta Santa do mundo no Jubileu Extraordinário da Misericórdia em Bangui, na República Centro Africana (2015) e na bênção *Urbi et Orbi* por ocasião da pandemia (2020).

1. Bergoglio, o jesuíta latino-americano que se tornou papa

1.1 Infância e juventude com a família em Buenos Aires

Em janeiro de 1929 chegava à cidade de Buenos Aires o casal Giovanni Bergoglio e Rosa Margherita Vassall, avós paternos de Jorge Mário Bergoglio. Haviam deixado Portacomaro, uma pequena cidade da província de Asti, no Piemonte, região situada no norte da Itália. Tinham chegado a essa cidade no século XIX, vindos de Castelnuovo, que também pertencia à província de Asti.

Em Portacomaro, a família Bergoglio administrava uma confeitaria. Enfrentavam o desafio econômico resultado da Primeira Guerra Mundial, mas embora não tivessem se recuperado totalmente, esse não foi o motivo pelo qual deixaram a Itália, pois, embora a situação fosse difícil, não faltava o necessário para o sustento da família. A motivação foi política, como explicou em entrevista a irmã do papa Francisco, Maria Elena Bergoglio: “Eu me lembro de meu pai repetindo muitas vezes que a chegada do fascismo era a razão que realmente o levava a deixar a Itália”.⁵ Além do pai, isso também se tornava presente nas conversas com a avó.

Os Bergoglio escolheram a América do Sul para poder se reunir com os parentes, tendo em vista que já havia três irmãos de Giovanni Bergoglio na Argentina. A família pertencia aos mais de 535 mil italianos que haviam emigrado para Argentina naquela década. Na época, Mario José Francisco Bergoglio, pai do futuro papa e filho de Giovanni e Rosa, tinha 21 anos. Em 12 de dezembro de 1935 casou-se com Regina María Sivori, argentina de ascendência genovesa e piemontesa. Um ano depois, em 17 de dezembro de 1936, nasceu o primeiro filho, Jorge Mario Bergoglio. O casal teve cinco filhos e moravam na cidade de Buenos Aires.

⁴ TORRALBA, F., Diccionario Bergoglio, p. 225-240.

⁵ TORNIELLI, A., Francisco, p. 61.

A família Bergoglio manteve fortemente a tradição Italiana de família unida. Reuniam-se sempre, especialmente aos domingos nos almoços após a Missa. Jorge Mario, durante a infância, passava o dia na casa dos avós paternos, com quem aprendeu a falar piemontês e conheceu as histórias da família da Itália. Com o nascimento do quinto e último filho, Regina Sivori, ficou paraplégica por um tempo. Nesse período, ensinou os filhos, meninos e meninas, a fazerem os serviços domésticos, inclusive a cozinhar. Ofício que Papa Francisco sempre exerceu, mesmo depois de ordenado, sobretudo no período em que viveu no Colégio Máximo, quando aos domingos com a ausência da cozinheira, ele cozinhava aos seus estudantes.

Mario Bergoglio era contador e o único que trabalhava na casa, mas quando chegou à Argentina seu diploma não foi reconhecido, por isso foi trabalhar numa fábrica. Nunca foram ricos, não possuíam carro e nem faziam viagens. Na casa não era permitido nenhuma forma de desperdício, como lembra, Maria Elena Bergoglio: “Lá em casa não se jogava nada fora. Mamã conseguia fazer roupas para nós com as coisas de nosso pai. Uma camisa rasgada ou calças gastas eram consertadas, costuradas de novo, e então serviam para nós.”⁶

Quando terminou a escola primária, aos 13 anos, a pedido do pai, Jorge Mario começou a trabalhar. Trabalhou primeiro em uma fábrica de meias, onde foi encarregado da limpeza. No terceiro ano de trabalho foi transferido para tarefas administrativas e, no quarto ano, começou a frequentar um instituto industrial, especializado em química da alimentação, e assim conseguiu entrar em um laboratório. Dividia a rotina entre os estudos no instituto e o trabalho no laboratório. Período que o Papa Francisco recorda com grande apreço: “O trabalho na juventude foi uma das coisas que mais me fizeram bem na vida”.⁷

Se recorda especialmente da responsável pelo laboratório. Esta amizade coloca em evidência que o círculo de amigos do jovem Francisco não era restrito. Deste modo, se demonstra desde cedo a sua capacidade de diálogo com a diferença, não por mera convenção, mas por meio de uma abertura sincera e fraterna que reconhece o que há de virtuoso no diverso e o acolhe.⁸

1.2 Chamado à vocação religiosa

Em 21 de setembro de 1953, Jorge Bergoglio que possuía 17 anos se preparava para festejar a Jornada do Estudante, uma festa que acontecia no início da primavera no hemisfério Sul. Neste mesmo dia havia organizado um piquenique com seus amigos, dos quais fazia parte uma moça por quem havia se apaixonado e que pretendia pedi-la em namoro na ocasião. Antes de encontrar com seus amigos, decide ir até sua paróquia, a igreja de São José de Flores. Lá estava um sacerdote que ele nunca vira e com quem decidiu se confessar. E, durante aquela confissão, Jorge Mario se sentiu chamado à vocação religiosa, como o mesmo revelou em uma entrevista.

Durante aquela confissão, aconteceu algo raro comigo, não sei dizer exatamente o quê, mas foi uma coisa que mudou minha vida. Diria mesmo que foi como se tivessem me surpreendido enquanto abaixava a guarda. Foi a surpresa, o estupor, de um encontro; percebi que estavam esperando por mim. Essa é a experiência religiosa: o estupor do

⁶ TORNIELLI, A., Francisco, p. 66.

⁷ TORNIELLI, A., Francisco, p. 68.

⁸ HIMITIAN, E., A vida de Francisco, p. 23.

encontro com alguém que nos espera. Daquele momento em diante, Deus se tornou para mim alguém que nos precede.⁹

Diante desta experiência, Bergoglio faz sua opção pela vida religiosa. No entanto, seu ingresso ao seminário não se deu imediatamente, passaram-se quatro anos até que se realizasse. Viveu esses anos como em uma solidão passiva, já que sofria “aparentemente sem motivo, por uma crise ou uma perda, diferentemente de uma solidão ativa, que se sente ao ter que tomar decisões transcendentais”.¹⁰ Nesse período continuou a trabalhar no laboratório de análises, completou os estudos, mas não contou a ninguém o desejo de se tornar padre. Optou pelo amadurecimento daquela experiência vivida.

Minha cabeça não estava concentrada em questões religiosas. Eu possuía uma inquietação política que, de qualquer maneira, não ia além do plano intelectual. Lia *Nuestra Palavra y Proposito*, um jornal do Partido Comunista, e me encantavam os artigos dos homens de cultura mais importantes... Mas nunca me tornei comunista.¹¹

Antes de ingressar no seminário, Jorge adoeceu gravemente. Aos 21 anos foi acometido de uma infecção nos pulmões. O diagnóstico foi de grave pneumonia e os exames clínicos revelaram a presença de três cistos. Nesse período, algo que incomodava o jovem Bergoglio eram as palavras de “circunstâncias” ditas por aqueles que o visitavam no hospital. Não se sentia consolado com aquelas frases. O que foi diferente de quando recebeu a visita de irmã Dolores, uma freira que o havia preparado para a primeira comunhão.

Ela me disse uma coisa que me impressionou muito, que me transmitiu muita paz: ‘Você está imitando Jesus’. A dor, não é uma virtude por si mesma, mas pode ser virtuosa na maneira como a vivemos. Nossa vocação é a plenitude e a felicidade e, nessa busca, a dor é um limite. Por isso, nós compreendemos o sentido da dor verdadeiramente através da dor de Deus que se fez homem, Jesus Cristo.¹²

Diante do grave estado de saúde, os médicos tiveram que tirar a parte superior do pulmão direito. Desde então, convive com uma deficiência pulmonar que não o condiciona gravemente, mas lhe impõe certos limites.

1.3 Formação jesuítica

Entrou primeiro no Seminário Arquidiocesano de Buenos Aires. Em seguida, aos 21 anos, no dia 11 de março de 1958, ingressou na Companhia de Jesus, o que na época foi considerado uma vocação tardia, tendo em vista que era comum entrar no noviciado com 17 ou 18 anos.

⁹ TORNIELLI, A., Francisco, p. 70.

¹⁰ HIMITIAN, E., A vida de Francisco, p. 25.

¹¹ TORNIELLI, A., Francisco, p. 71.

¹² TORNIELLI, A., Francisco, p. 72.

Decidi pela Companhia de Jesus porque fui atraído pelo fato de ela ser uma força avançada da Igreja, na qual usava uma linguagem militar e determinada pela obediência e pela disciplina. Eu a escolhi também porque a Companhia era direcionada ao serviço missionário. Com o tempo, senti desejo de viajar como missionário ao Japão, onde os jesuítas realizam uma obra muito importante há tempos. Mas, por causa do sério problema de saúde que trazia comigo desde minha juventude, não fui autorizado.¹³

Seguiu a formação tradicional dos jesuítas. Os dois primeiros anos são dedicados à experiência espiritual, chamado Noviciado. Nele, os interessados em entrar para Companhia de Jesus passam por diversas experiências, sendo a mais importante os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. Outra experiência foi prestar serviços em um hospital. Além disso, ainda existe uma terceira que foi caminhar de dois em dois, como peregrinos, sem dinheiro, tendo de mendigar para comer e dormir. Fez o Noviciado em Córdoba, na Argentina.

Depois de dois anos do Noviciado, fez apenas um ano de Juniorado no Chile. O normal, naquela época, era dedicar dois ou até três anos ao estudo das humanidades. Esse tempo foi reduzido pelo fato de ser considerado uma vocação tardia e porque já tinha passado pelo Seminário Diocesano.

Em seguida, iniciou os estudos especificamente preparatório para o sacerdócio: três anos de filosofia (1961-1963) e quatro de teologia (1967-1970). Entre o estudo de filosofia e de teologia os jesuítas costumam dar uma parada na formação teórica para assumir um trabalho que exija o confronto de suas aptidões com a vida prática. Naquele tempo essa etapa se chamava Magistério e era realizada em colégios ou outras obras educacionais. Fez, então, dois anos de Magistério, lecionando literatura e psicologia no Instituto da Imaculada Conceição, em Santa Fé, e um ano no Colégio de El Salvador (Buenos Aires). Conforme o costume da Companhia de Jesus naquela época, foi ordenado sacerdote no final do terceiro ano de teologia, em 13 de dezembro de 1969. Pouco antes de sua ordenação sacerdotal escreveu:

Acredito na minha história, que foi atravessada pelo olhar de amor de Deus. E espero a surpresa de cada dia, em que se manifestarão o amor, a força, a traição e o pecado, que me acompanharão até o encontro definitivo com esse rosto maravilhoso que não sei como é, do qual escapei continuamente, mas que quero conhecer e amar.¹⁴

Nota-se, aqui, a consciência que possuía de que a sua resposta vocacional não anularia aquilo que é próprio da sua condição humana, mas que ambas lhe acompanhariam até a morte.

1.4 O padre jesuíta

Padre Bergoglio completou o estágio final da formação como jesuíta em Alcalá de Henares, Espanha, e fez a profissão perpétua na Companhia de Jesus em 22 de abril de 1973. Em seguida regressou à Argentina, onde lhe foram confiados alguns cargos. Por três anos foi mestre dos noviços na Vila Barillari, na cidade de San Miguel, professor na faculdade de teologia e reitor

¹³ TORNIELLI, A., Francisco, p. 74.

¹⁴ QUEVEDO. L. G., O novo rosto da Igreja, p. 40.

do Colégio Máximo. Em seguida exerceu a função de consultor da Província Argentina (1971-1973).

Sabe-se que o governo dos jesuítas não é capitular ou “parlamentar”, mas “monárquico” ou “presidencialista”. O único cargo eletivo na Companhia de Jesus é o de superior geral. Este nomeia os superiores provinciais, que por sua vez nomeiam os superiores locais. No entanto, Santo Inácio determinou que o superior geral da Companhia seja ajudado em sua missão por “assistentes” e “conselheiros”. E os superiores provinciais são ajudados pelos “consultores” da Província.¹⁵

Esse modo de trabalho dos jesuítas torna-se evidente na maneira como o futuro papa irá governar a Igreja. Em seguida, foi eleito provincial dos jesuítas na Argentina em 31 de julho de 1973, festa de Santo Inácio de Loyola, com apenas 36 anos, tarefa que exerceu por seis anos.

1.5 A ditadura argentina

Neste contexto, instaurou-se na Argentina uma ditadura militar (1976-1983). Seu início se deu por meio de um golpe de Estado, em 24 de março de 1976, por meio do qual se depôs a então presidente da República María Estela Martínez de Perón, também conhecida como Isabelita Perón, viúva e sucessora de Juan Domingo Perón, falecido no exercício do poder.

O período em que durou o autodenominado “Processo de Reorganização Nacional”, uma Junta Militar, composta pelas três Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), assumiu o poder e, em seguida ao golpe, indicou o general Jorge Rafael Videla para presidir o país. Tinham como justificativa conter o desgoverno e a inflação, e de combater a influência socialista. Assim, se instituiu uma ditadura militar pautada na violação sistemática dos direitos humanos com a tortura e o assassinato de milhares de pessoas, os chamados desaparecidos: indivíduos considerados opositores do regime e seus parentes, que eram raptados e depois mortos. O congresso foi dissolvido, juízes de direito foram afastados e a liberdade de imprensa e de expressão foram suprimidas.

Nesse período, dois padres jesuítas, Francisco Jalics e Orlando Yorio, residiam em um bairro pobre chamado Bajo Flores. Eram uma presença pastoral de apoio aos mais pobres, mas os militares desconfiavam de suas atividades, como dito pelo próprio Bergoglio quando ainda era cardeal.

Naquela época, qualquer padre que trabalhasse com os pobres era alvo de acusações. Estava estabelecido, desde antes do golpe militar, que os padres que trabalhavam com os pobres eram considerados ‘esquerdistas’. Era uma calúnia, mas esse era o ambiente em que se vivia naquele tempo, e a gente tinha que estar ao lado de quem realizava esta tarefa pastoral.¹⁶

¹⁵ QUEVEDO, L. G., O novo rosto da Igreja, p. 42.

¹⁶ HIMITIAN, E., A vida de Francisco, p. 55.

Diante disso, em 1976, avisou os padres Jalics e Yorio do risco que estavam correndo, seu desejo era de que saíssem do bairro, mas eles decidiram ficar. Entretanto, seu alerta se confirmou e no dia 23 de maio de 1976 os dois padres foram sequestrados e levados para a Escola de Mecânica da Armada (ESMA), principal centro de tortura da ditadura argentina. Durante a mesma operação o exército também capturou quatro catequistas e o marido de duas delas. Eles, porém, nunca foram encontrados. Só depois de cinco meses, Orlando Yorio e Francisco Jalics foram libertados e saíram do país.

Consta que o provincial Bergoglio hospedou no Colégio Máximo de San Miguel pessoas que necessitavam de proteção e que ajudou outras pessoas perseguidas a sair da Argentina. A um jovem que se parecia com ele emprestou-lhe seu documento de identidade e um clergyman, para que pudesse passar a fronteira.¹⁷

Entretanto, uma segunda versão dos fatos, o acusa, de ter colaborado com a ditadura argentina. As acusações partiram do jornalista argentino Horacio Verbitsky em um de seus livros e divulgadas pelo *Página/12*, jornal considerado o órgão oficial da presidência da República argentina. De acordo com Verbitsky, os padres Orlando Yorio e Francisco Jalics teriam acusado Bergoglio de tê-los denunciado aos militares. O caso foi abordado pela magistratura argentina e nada foi encontrado contra Bergoglio em uma investigação sobre os casos de apropriação indevida de crianças, filhos dos desaparecidos, por parte dos militares, e sobre os fatos acontecidos na ESMA. Segundo o professor Matteo Luigi Napolitano, um historiador que estudou os documentos do caso,

o documento publicado pelo *Página/12* não é um documento de Bergoglio, não representa seu pensamento e pode ser considerado um legítimo documento ‘do regime’, feito para uso e consumo do poder ditatorial para o controle da oposição e para dar a ideia de que, de algum modo, havia o apoio da Igreja argentina.¹⁸

Do mesmo modo, Jorge Ithurburu, presidente da Associação 24 de Março, uma organização que faz parte dos processos contra os militares argentinos, também desmentiu a versão de Verbitsky: “Uma coisa é a responsabilidade da Igreja Católica como organização, outra a dos indivíduos. Bergoglio na época não era nem bispo e não há sinal de suas responsabilidades individuais”.¹⁹

Também saíram em defesa de Bergoglio o prêmio Nobel da Paz, Adolfo Pérez Esquivel, o bispo e referente dos direitos humanos durante a ditadura Dom Miguel Hesayne e a integrante da Assembleia Permanente pelos Direitos Humanos (APDH) e da Comissão nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (Conadep) Graciela Fernández Mejjide, entre outros.²⁰

1.6 O padre do povo

¹⁷ QUEVEDO, L. G., O novo rosto da Igreja, p. 45.

¹⁸ TORNIELLI, A., Francisco, p. 79.

¹⁹ TORNIELLI, A., Francisco, p. 80.

²⁰ HIMITIAN, E., A vida de Francisco, p. 54.

Concluído seu mandato de provincial, foi nomeado reitor do Colégio Máximo de San Miguel (1979-1985), professor de teologia, primeiro pároco da paróquia do patriarca São José. Terminado seu mandato de reitor em San Miguel, passou seis meses na Alemanha para ultimar sua tese de doutorado em teologia. Nos anos de 1986-1989, residia na comunidade da igreja de El Salvador, no centro de Buenos Aires. Em 1990, foi destinado a Córdoba, onde trabalhou como diretor espiritual e confessor na igreja da Companhia de Jesus. Depois de ter exercido cargos de maior responsabilidade, a transferência a Córdoba significou certa marginalização na Província argentina.²¹

Nesta nova fase, cessaram os anos de viver rodeado de seminaristas, sacerdotes e autoridades. Começaram agora os anos como pastor, o contato direto com o povo se transformou na chave de seu estilo pastoral. Ele queria estar próximo e entre o povo.²² Provavelmente este tenha sido um dos momentos de maior influência no perfil pastoral do futuro papa. No contato direto com o povo e seus dilemas, desenvolveu sua capacidade de colocar em diálogo a doutrina e os problemas concretos que as pessoas enfrentavam.

1.7 O bispo Bergoglio

Em 1992 o então arcebispo de Buenos Aires, cardeal Antonio Quarracino, indicou Bergoglio para ser seu bispo auxiliar. Quando fora comunicado pelo núncio apostólico da nomeação, ele o recusou, já que o voto que fizera o impedia de aceitar qualquer título de dignidade dentro da Igreja. Entretanto, o então papa João Paulo II, ao ser comunicado, fez uso do quarto voto dos jesuítas: o de obediência ao sumo pontífice. Diante disso, acolheu o pedido do papa, e em 27 de junho de 1992, na Catedral Metropolitana de Buenos Aires, recebeu a ordem episcopal pelas mãos do primaz da Argentina. Em seu primeiro discurso como bispo auxiliar apontou aquilo que seria o perfil de seu episcopado:

O Senhor permanece fiel à palavra. Ele não descumpriu a promessa de estar todos os dias conosco até o fim do mundo. Existem irmãs e irmãos que, com suas vidas, nos pedem por favor que não façamos rodeios e saibamos descobrir em suas chagas as do próprio Cristo.²³

No início do seu novo ministério como bispo auxiliar, ficou responsável pelo vicariato de Flores, que engloba zonas residenciais de classe média, complexos de casas humildes e de comunidades carentes. Assim, manteve como estilo a proximidade com o clero local e os fiéis, percorria diariamente as ruas de seu vicariato. Era sempre disposto a ouvir os sacerdotes, acompanhá-los e ajudá-los na tarefa pastoral. Seu estilo aberto, próximo do povo e os depoimentos positivos dos sacerdotes que o tinham por bispo fizeram com que sua figura crescesse em importância. E assim, foi nomeado vigário geral.

No momento em que passou de bispo adjunto a arcebispo, sucessor de Quarracino que morreu em 28 de fevereiro de 1998, já gozava de grande prestígio sobre o clero da cidade, sobretudo os mais jovens. Seu estilo não mudou, mas tornou-se ainda mais evidente diante da

²¹ HIMITIAN, E., A vida de Francisco, p. 69.

²² HIMITIAN, E., A vida de Francisco, p. 70.

²³ HIMITIAN, E., A vida de Francisco, p. 86.

nova posição. No primeiro compromisso público e oficial como arcebispo de Buenos Aires, se deu conta de que não tinha o que vestir. Trouxeram-lhe o orçamento de uma loja de roupas religiosas, mas recusou e decidiu utilizar as roupas usadas do seu antecessor, mesmo sendo maiores pediu para que ajustassem. Fiel ao seu estilo austero, também recusou se instalar na residência episcopal e anunciou que estabeleceria seu domicílio no terceiro andar da sede da cúria, junto à Catedral Metropolitana. Além disso, continuou a atender pessoalmente aos telefonemas, a controlar ele mesmo a agenda das audiências. Preferiu continuar a andar de ônibus ou metrô, pois dessa maneira podia ver as pessoas pelas ruas.

Na sua primeira Semana Santa como arcebispo delegou aos bispos auxiliares a tarefa de lavar os pés daqueles que se aproximaram da Catedral Metropolitana para participar da missa crismal. Ele, por sua vez, foi a um hospital de doenças infecciosas e lavou os pés de doze doentes de AIDS e os beijou. Depois disto, todo ano assumiu o compromisso de levar esse ritual aos lugares mais marginalizados da sociedade. Lavou os pés de presidiários, com quem inclusive manteve troca de cartas; moradores de rua; crianças internadas, dependentes de crack; entre outros.

Uma das suas primeiras medidas foi aumentar a quantidade de párocos destinados aos assentamentos, que de dez passaram a mais de vinte. Padres bons e bem formados, rompendo com a mentalidade de que estes deveriam estar nas paróquias de maior destaque. Além disso, elevou a equipe de padres *villeros*²⁴ à categoria de vicariato. Ele não queria que os padres simplesmente visitassem as favelas. Ele queria que os padres vivessem lá, compartilhando a vida das pessoas, para que pudessem entender o que significa o Evangelho para elas.²⁵

Outra característica marcante do seu episcopado eram suas homilias sempre atuais e corajosas. Um exemplo claro disto, foi os *Te Deum*²⁶ onde, mesmo diante de autoridades políticas que ocupavam os primeiros bancos da catedral de Buenos Aires, nunca deixou de denunciar os enormes problemas que assolavam a vida do povo. Com linguagem crítica e frases contundentes, expunha a classe política, sem distinções partidárias.

1.8 O cardeal Bergoglio

No consistório de 21 de fevereiro de 2001, o papa João Paulo II fez Bergoglio cardeal. Apesar disso, mesmo como cardeal primaz da Argentina, manteve seus hábitos austeros. Em outubro de 2001, foi nomeado relator geral adjunto da X Assembleia Geral Ordinária dos Bispos, dedicada ao ministério episcopal no Terceiro Milênio. O relator, cardeal Edward Egan, arcebispo de Nova York, teve de regressar ao seu país após os desdobramentos dos atentados terroristas de 11 de setembro do mesmo ano. Assumiu o trabalho de relator e sua atuação o tornou conhecido internacionalmente. No final foi eleito representante do continente americano no Conselho Pós-Sinodal. Em 2005 foi novamente membro do Conselho Pós-Sinodal da XI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

Em 2005 foi eleito presidente da Conferência Episcopal Argentina, cargo que ocupou por dois mandatos. Em maio de 2007, também participou da 5ª Conferência do Episcopado Latino-

²⁴ Sacerdotes que trabalham nas *villas miseria*, as favelas da Argentina.

²⁵ HIMITIAN, E., A vida de Francisco, p. 91.

²⁶ Celebração que acontece no dia 25 de maio por ocasião do Dia da Independência Argentina.



Americano, realizado no Brasil na cidade de Aparecida do Norte, onde foi eleito presidente da comissão de redação do documento final.

1.9 A renúncia de Bento XVI e a eleição de Francisco

Em 11 de fevereiro de 2013, após oito anos de pontificado e aos 85 anos de idade, papa Bento XVI surpreende o mundo e até mesmo a Cúria Romana ao anunciar diante de um Consistório sua renúncia ao ministério petrino, fato que não acontecia na Igreja desde o século XV com a renúncia do papa Gregório XII. O papa Bento XVI estabeleceu um prazo para deixar a sede de Roma, que se realizou no dia 28 de fevereiro de 2013. A sede papal se tornou vacante e as atenções do mundo se voltaram às especulações sobre quem seria o novo papa.

Via de regra, o conclave deve sempre ser convocado entre 15 e 20 dias após a morte, ou renúncia, como no raro caso de Bento XVI, de um papa. Nesse período é respeitado o luto oficial e são realizados o velório e os funerais do pontífice. O caráter extraordinário da renúncia, abriu a possibilidade de o conclave ser antecipado pelo colégio dos cardeais já a partir do dia seguinte.

O conclave teve início no dia 12 de março de 2013 com a presença de 115 cardeais eleitores e após quatro escrutínios sem que nenhum cardeal tenha obtido os 77 votos necessários, equivalente a dois terços, no quinto escrutínio foi eleito o novo papa. O anúncio ao mundo através da fumaça branca aconteceu às 19:06 do dia 13 de março. Pouco depois, o cardeal Jean-Louis Tauran, que era protodiácono do Colégio de Cardeais, o primeiro na ordem dos diáconos entre cardeais, anunciou em latim que o eleito para ser o novo papa era o cardeal Bergoglio e que o nome que utilizaria seria Francisco.

O novo pontífice não usava mozeta vermelha forrada de arminho que tinha sido preparada, nem trazia a estola sobre os ombros. A cruz peitoral não tinha mudado, era a mesma que o cardeal sempre trouxera consigo. É de metal, não de ouro, e não traz nenhuma pedra preciosa. Após saudar a multidão de mais de 200 mil fiéis reunidos na praça de São Pedro, o papa quebra os protocolos ao brincar com a distância de onde viera, em seguida pede a todos que rezem pelo seu predecessor. Não se definiu como papa, mas como bispo de Roma e após breve discurso, antes de dar a bênção *Urbi et Orbi*, mais uma vez quebra os protocolos e realiza algo inédito ao pedir aos fiéis para invocar a bênção de Deus sobre ele. Em seguida se inclina para receber a bênção e após um momento de silêncio coloca a estola papal sobre a veste branca e concede sua bênção. Por fim, se despede da multidão reforçando para que rezassem por ele.

Depois de deixar o palácio apostólico para voltar a Santa Marta, o novo papa recusou ir com o carro que lhe haviam preparado, preferiu ir de ônibus com os cardeais, o que faria novamente no dia seguinte para voltar à Capela Sistina e concelebrar a missa com os cardeais. Na mesma noite, telefonou ao papa emérito Bento XVI e para casa de alguns amigos romanos, bem como ao diretor da casa do clero onde permanecera hospedado durante as semanas que precederam o conclave para avisar que passaria para retirar sua mala e seus objetos pessoais e para pagar a conta. Para surpresa de muitos, realmente assim fizera, quis subir pessoalmente ao quarto para recolher suas coisas e fez a mala sozinho, como sempre fez em todas as viagens.

O novo papa permaneceu fiel ao estilo simples que aprendeu com a família na infância e que sempre viveu no exercício do seu ministério, e sob a inspiração de São Francisco de Assis, cujo nome escolheu para si, começava a apresentar com atos e sinais desde a sua primeira aparição o que seria o seu perfil e o programa com que governaria a Igreja.

2. A misericórdia divina no Papa Francisco e suas implicações

2.1 A experiência com a Misericórdia

Parece ser possível afirmar que toda reflexão feita pelo Papa está centrada na afirmação cristológica que ele chama de síntese da fé cristã: “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. [...] tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré; [...] com sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus”.²⁷

O Papa acrescenta:

a missão, que Jesus recebeu do Pai, foi a de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude. [...] Agora este amor tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus. A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram dele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo nele fala de misericórdia. Nele, nada há que seja desprovido de compaixão.²⁸

Sendo assim, o *hesed*²⁹ de Deus, se torna visível em Jesus Cristo. O Filho de Deus fez-se homem, de modo que por estar próximo dos homens, é Deus quem se aproxima dos homens. Em Jesus se faz visível o afeto,³⁰ isto é, o amor misericordioso de Deus, e sua fidelidade, revelados desde à história do povo de Israel, no fundamento da antropologia bíblica.

Entretanto, ao mesmo tempo, Cristo é a pessoa divina que assumiu a natureza humana e “na mesma revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação”.³¹ Ao encarnar-se, “Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem”³² e, em nome de cada homem concreto, presente na história ao longo de todos os tempos, respondeu ao amor do Pai. Deste modo, em Jesus se revelam três dimensões da misericórdia: o mistério da Trindade, o agir do homem e o caminho de união do homem com Deus. Francisco vai dizer:

Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade.

Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro.

Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros, o irmão que encontra no caminho da vida.

Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.³³

²⁷ MV 1.

²⁸ MV 8.

²⁹ DM 4-6. (atenção especial à nota em rodapé n. 52, 60 e 61).

³⁰ Literalmente o *páthos*, o “centro do sentir”, como aprofunda TORRALBA, F., *Diccionario Bergoglio*, p. 226.

³¹ GS 22.

³² RH 8.

³³ MV 2.

Em Jesus é de novo oferecida da parte de Deus a possibilidade de uma aliança, a Nova e Eterna Aliança. O amor de Deus revelado em Jesus Cristo é a redenção da humanidade, a salvação que Deus Criador opera na e em favor da sua criatura. Deus trata o seu Filho como pecador para salvar o homem do pecado.³⁴ Ele dá ao homem a verdadeira razão para retornar, para ser fiel: o seu amor, a sua misericórdia; “perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa”.³⁵

Com seu amor misericordioso, Deus move o homem a fazer como o filho pródigo da parábola relatava pelo evangelista Lucas,³⁶ encoraja-o a voltar, a readquirir a sua identidade. Assumindo, como homem, a lógica do amor misericordioso, Jesus deu, por parte dos homens, um “sim” definitivo e fiel à aliança e ao duplo mandamento do amor, cumprindo a parte que cabia à humanidade. Sendo assim,

a incapacidade humana é sanada a partir de dentro, pois sendo Jesus verdadeiro Deus e verdadeiro homem, isto nos consente dizer que de dentro mesmo da humanidade, como homem, Ele diz um “sim” fiel e irrevogável de amor misericordioso ao Pai, de modo a sanar a incapacidade à esta resposta que o pecado havia gerado na humanidade. A partir de então, o homem pode de novo dar uma resposta positiva à aliança.³⁷

O homem torna-se capaz de responder, na Pessoa do Filho, um “sim” ao amor gratuito do Pai. Esta resposta exige do homem uma nova postura de vida, tendo como critério fundamental esta experiência vivida, pois a misericórdia é uma virtude de finalidade “pragmática”,³⁸ que se traduz em obras de caráter material e espiritual, em favor de libertar ao próximo seus padecimentos. Esta misericórdia revelada ao povo de Israel e que encontrou sua plenitude em Jesus Cristo, pela união perfeita da sua natureza humana e divina, alcançou e redimiu todo homem, tornando-o capaz de acolher e corresponder a este amor.

Do mesmo modo que esta experiência não se dá de forma abstrata, a resposta também não deve ser deste modo, mas deve assumir pela parte do homem uma nova postura na sua dimensão pessoal e comunitária. Neste dinamismo a Igreja, entendida como “Povo de Deus”,³⁹ ocupará um papel determinante, tendo em vista que o cristão é chamado a viver a misericórdia como membro desta comunidade da qual, pelo batismo, todos fazem parte.

2.2 A Igreja da Misericórdia

³⁴ 2Cor 5,21

³⁵ MV 3.

³⁶ Lc 15,1-3.11-32.

³⁷ FERREIRA, A. L. C., Redescobrir a misericórdia, p. 151.

³⁸ TORRALBA, F., Dicionario Bergoglio, p. 227.

³⁹ LG 13.

Sendo a pessoa de Jesus e toda a sua vida o conteúdo da revelação, no qual o amor misericordioso de Deus se revela e se encarna, o ato de crer coloca o crente no dinamismo do amor. O crente, portanto, crê na misericórdia de Deus revelada, que se fez homem em Jesus Cristo e, crendo, é convidado a ser misericordioso. Crê como resposta de fé e é misericordioso como atitude moral. Agindo deste modo, o que o cristão faz é agir em conformidade com o amor misericordioso que primeiro o acolheu.⁴⁰

Diante desta realidade pode-se dizer que o agir do homem vai ao encontro do agir de Deus, ou seja, a iniciativa divina encontra acolhida na resposta livre e consciente do homem. Esta resposta não tem consequência unicamente individual para aquele que crê, mas também para a vida e missão da Igreja da qual ele começa a fazer parte de uma maneira nova e onde se concretiza seu caminho de discipulado. Por esta razão o Papa vai dizer:

É meu desejo que o povo cristão reflita, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporal e espiritual. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina. A pregação de Jesus apresenta-nos estas obras de misericórdia, para podermos perceber se vivemos ou não como seus discípulos.⁴¹

É neste sentido, através de cristãos comprometidos com a misericórdia, que vai dizer que: “onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. [...] onde houver cristãos, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis da misericórdia”.⁴² É partindo deste princípio que Francisco se refere ao Concílio Vaticano II, como critério para o modo de ser Igreja no mundo atual:

Derrubadas as muralhas que, por demasiado tempo, tinham encerrado a Igreja numa cidade privilegiada, chegara o tempo de anunciar o Evangelho de maneira nova. Uma etapa na evangelização de sempre. Um novo compromisso para os cristãos testemunharem, com mais entusiasmo e convicção, a sua fé. A Igreja sentia a responsabilidade de ser, no mundo, o sinal vivo do amor do Pai.⁴³

É partindo desta perspectiva que aponta para necessidade de um encontro da Igreja com os homens, crentes e afastados, que seja marcado pela misericórdia, sendo esta, sinal do Reino de Deus presente no mundo, pois

a arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja

⁴⁰ MV 9.

⁴¹ MV 15.

⁴² MV 12.

⁴³ MV 4.

passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo. [...] É tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos.⁴⁴

Tornam-se evidentes, as razões, pelas quais o papa insiste na natureza missionária da Igreja, como quando afirma que “a Igreja em saída” é uma Igreja com as portas abertas⁴⁵ pronta para “sair da própria comodidade e ter coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.⁴⁶

Para que isto aconteça, a Igreja não pode ser “uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa”.⁴⁷ E ainda acrescenta “não querer uma Igreja preocupada em ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos”.⁴⁸ Ele se contrapõe igualmente a uma “Igreja como organização”,⁴⁹ preocupada com a “autopreservação”,⁵⁰ e afirma: “prefiro mil vezes uma Igreja acidentada, que sofreu um acidente, do que uma Igreja doente por estar fechada”.⁵¹ Deste modo, expressa o desejo de que “a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos”.⁵²

Neste caminho assume um importante papel o sacramento da Reconciliação. A sua importância para o tema da misericórdia é tal que o Papa insiste: “Com convicção, ponhamos novamente no centro o sacramento da Reconciliação, porque permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia”.⁵³ Para isto, o Papa insiste para que os pastores tenham o “cheiro das ovelhas”⁵⁴ e que saibam acolher os fiéis.

Portanto, para Francisco, é urgente a necessidade de a Igreja anunciar a misericórdia de Deus, pois “a sua vida é autêntica e credível, quando faz da misericórdia seu convicto anúncio”.⁵⁵ Segundo ele, a missão primeira da Igreja é, sobretudo nesta época marcada por grandes esperanças e fortes contradições, introduzir todas as pessoas neste grande mistério da misericórdia de Deus, contemplando o rosto de Cristo.

2.3 A misericórdia nos gestos de Francisco

Frente à realidade da resposta dos crentes ao Deus misericordioso, um fator ocupa lugar central para Francisco: o testemunho. Segundo ele, “a Igreja é chamada, em primeiro lugar, a ser verdadeira testemunha da misericórdia, professando-a e vivendo-a como o centro da Revelação de Jesus Cristo”.⁵⁶ Em outro momento vai dizer ainda que “a Igreja comporta-se como

⁴⁴ MV 10.

⁴⁵ EG 46.

⁴⁶ EG 20.

⁴⁷ EG 46.

⁴⁸ EG 49.

⁴⁹ EG 95.

⁵⁰ EG. 27.

⁵¹ FRANCISCO, PP., *A Igreja da Misericórdia*, p. 79.

⁵² EG 288.

⁵³ EG 17.

⁵⁴ FRANCISCO, PP., *Missa Crismal (Homilia)*.

⁵⁵ MV 25.

⁵⁶ MV 25.

Jesus. A mãe Igreja, como Jesus, ensina com o exemplo, e as palavras servem para iluminar o significado dos seus gestos”.⁵⁷

Torna-se evidente que “a eclesiologia do Papa Francisco não é feita somente de teorias, ideias ou concepções, mas de ações e gestos densos de significado cristológico, antropológico e eclesiológico”.⁵⁸ Esta afirmação se concretiza em diversos gestos de Francisco ao longo de seu pontificado; aqui apresentaremos três momentos marcantes, pois parecem suficientemente representativos para a reflexão proposta pelo artigo, conforme enunciados anteriormente.

2.4 Visita do Papa a Lampedusa

No dia 8 de julho de 2013, Papa Francisco chegava à ilha italiana de Lampedusa. Sua visita aconteceu em resposta ao convite feito pelo pároco da ilha, Pe. Stefano Nastasi que escreveu ao Papa:

As lágrimas que marcam os rostos das pessoas resgatadas do mar falam de sol e de sal, de arrepios de frio e de fome. Eu gostaria de pensar que as lágrimas dos seus olhos, que fluíram no momento da sua eleição, poderiam se encontrar com as lágrimas de todo homem e de toda mulher que sofrem nos quatro cantos do mundo.⁵⁹

Francisco aceitou o convite e por quatro horas permaneceu em Lampedusa onde celebrou a Missa num altar improvisado num velho barco e usando uma cruz pastoral feita com a madeira dos barcos imigrantes. Lampedusa é uma ilha que faz parte da Sicília e se tornou um importante ponto de chegada para migrantes e refugiados da África e do Oriente Médio que tentam atravessar o Mediterrâneo e assim chegar à Europa. Ela está localizada no sul do Mediterrâneo e está mais próxima da Tunísia do que da Sicília. Devido sua distância da costa do norte da África que não ultrapassa 100 km, ela se tornou rota de passagem para a Europa, para pessoas refugiadas.

Os migrantes tentam atravessar o mar em embarcações precárias, frágeis e excedente de pessoas, além de serem muitas vezes exploradas e abusadas ao longo do caminho. Devido a estas condições, muitos padecem no mar e aproximadamente vinte e cinco mil pessoas já morreram assim deste modo nos últimos vinte anos. Tendo em vista tudo isso, o Papa colocou uma coroa de flores no mar naquele dia em sinal de profundo respeito.

Para esta viagem, Francisco não quis seguir os protocolos. Por isso, dispensou a mediação da Secretaria de Estado e acertou tudo sobre a viagem com o próprio arcebispo, dom Francesco Montenegro, responsável pelo pastoreio da ilha. Portanto, sua visita não nasceu de um acordo entre autoridades, mas, sim, da dramática situação dos refugiados.⁶⁰

As poucas horas que a viagem durou foram carregadas de gestos simbólicos. Quando chegou ao cais, um dos migrantes, muito emocionado, leu com dificuldade uma rápida saudação em árabe, em seguida, Francisco foi até o campo esportivo onde centenas de pessoas o aguardavam para a Missa. As primeiras fileiras eram ocupadas pelos migrantes, deficiente e crianças. Na ocasião o altar e o ambão eram feitos de madeira de restos de embarcações que

⁵⁷ FRANCISCO, PP., A Igreja/ Papa Francisco, p. 29.

⁵⁸ AURÉLIO, M., A Igreja do Papa Francisco à luz do Vaticano II, p. 195.

⁵⁹ VIEIRA, R., Elementos de estética teológica na teologia do Papa Francisco, p. 276.

⁶⁰ VIEIRA, R., Elementos de estética teológica na teologia do Papa Francisco, p. 201.

naufregaram; o cálice, também de madeira, tinha um enorme cravo, a fim de recordar os crucificados da história; um timão enfeitou a frente do altar; até o báculo foi feito do mesmo material.

Durante a homilia, fez memória às vinte e cinco mil vítimas, os naufragos das chamadas “viagens da esperança”.⁶¹ A sociedade atual desenha-se insensível ao sofrimento alheio; tem seu coração anestesiado; está acomodada e fechada no seu próprio bem-estar e precisa despertar de uma “globalização da indiferença”.⁶² Deste modo, também conclamou as autoridades mundiais para que não ergam muros de egoísmo, mas que tenham coragem de acolher aqueles que estão buscando uma vida melhor e assim, já no início do seu pontificado, apresenta concretamente o seu perfil de pastor.

Em Lampedusa, cenário de terríveis tragédias humanitárias, Francisco começou seu pontificado tocando uma das ‘dolorosas feridas de Cristo’ no mundo e assumindo a causa dos imigrantes que desesperados tentam alcançar uma vida melhor. Nessa visita se pode ver antecipada a luta do papa contra a cultura do descartável. [...] Trata-se do programa de Bergoglio em ação.⁶³

Deste modo, fica evidente nos gestos de Francisco, suas raízes afetivas como filho de emigrantes, mas que encontra na fé cristã o fundamento para sua postura profética.

2.5 Abertura da Porta Santa em Bangui

Em Bangui, Papa Francisco surpreendeu o mundo. Em viagem apostólica ao continente Africano, após visitar o Quênia e Uganda, Papa desembarcou em Bangui, capital da República Centro-Africana. Esta última etapa da viagem foi marcada por forte tensão, tendo em vista que a cidade se encontrava no meio de uma guerra que já havia vitimado milhares de cidadãos. Devido ao espiral de violência que tinha se espalhado pelo país, mais de um quinto da população ficou sem lar e algumas comunidades ficaram isoladas no meio do conflito sem acesso a hospital, escola ou a cemitério para enterrarem seus mortos.

Diante deste cenário e devido ao alto risco do território, foi pedido ao Papa que suspendesse sua visita, mas ele recusou. E no dia 29 de novembro o Papa chegou a Bangui que é uma das regiões mais pobres de todo continente. Apesar da tensão e do medo da população, foi recebido com fervor, e surpreende a todos, ao antecipar a abertura do Ano da Misericórdia. Pela primeira vez na história da Igreja, um Pontífice abriu a primeira Porta Santa de um Jubileu não em Roma, na Basílica de São Pedro, mas numa periferia do mundo, em Bangui. Antes de entrar na Catedral, deteve-se diante da porta ainda fechada e, dirigindo-se ao povo, disse:

Hoje, Bangui torna-se a capital espiritual do mundo. O Ano Santo da Misericórdia chega adiantado a esta terra; uma terra que sofre, há diversos anos, a guerra e o ódio, a incompreensão, a falta de paz. Mas, simbolizados nesta terra sofredora, estão também

⁶¹ FRANCISCO, PP., Santa Missa pelas vítimas do naufrágio (Homilia).

⁶² TORRALBA, F., Dicionario Bergoglio, p. 197-210.

⁶³ VIEIRA, R., Elementos de estética teológica na teologia do Papa Francisco, p. 203.

todos os países que estão passando através da cruz da guerra. Bangui torna-se a capital espiritual da súplica pela misericórdia do Pai.⁶⁴

Em seguida, virou-se para a porta central da catedral e abriu-a, permanecendo por um instante com os braços abertos, enquanto os fiéis do lado de dentro aplaudiam emocionados e se ajoelhavam. Na homilia, disse:

Através de vós, quero saudar todos os centro-africanos, os doentes, as pessoas idosas, os feridos pela vida. Talvez alguns deles estejam desesperados e já não tenham força sequer para reagir, esperando apenas uma esmola, a esmola do pão, a esmola da justiça, a esmola dum gesto de atenção e bondade. E todos nós esperamos a graça, a esmola da paz.⁶⁵

Por fim, faz um anúncio de esperança ao dizer que “mesmo quando se desencadeiam as forças do mal, os cristãos devem responder ao apelo, de cabeça erguida, prontos a resistir nesta batalha em que Deus terá a última palavra. E será uma palavra de amor e de paz”.⁶⁶ E conclui fazendo um forte apelo àqueles que promovem a desunião e a guerra: “A todos aqueles que usam injustamente as armas deste mundo, lanço um apelo: deponde esses instrumentos de morte; armai-vos, antes, com a justiça, o amor e a misericórdia, autênticas garantias de paz”.⁶⁷

A atitude de Francisco em ir ao encontro de uma das regiões mais periféricas do mundo, marcada pela desesperança ocasionada por tantos conflitos, certamente é carregada de significados. Em suas palavras, mas especialmente no seu gesto de abrir a primeira Porta Santa neste local, torna-se evidente a opção preferencial do Papa pelos pobres. Assim como fazia enquanto arcebispo de Buenos Aires, assume a imagem bíblica do “Bom Samaritano”⁶⁸ e testemunha a sua proposta de uma “Igreja em saída”,⁶⁹ indo ao encontro das periferias sociais e existências.

2.6 Bênção extraordinária *Urbi et Orbi* por ocasião da pandemia

No contexto dramático do alongamento da pandemia Covid-19, Francisco realiza um momento extraordinário de oração. No dia 27 de março, Francisco atravessa a passos lentos a Praça de São Pedro praticamente deserta. Não era acompanhado de seguranças, fiéis ou religiosos, como de costume. O silêncio era eloquente. O ato foi transmitido para todo o mundo. No centro estava Francisco que sozinho rezava por toda humanidade.

Diante da Sé de Pedro, na Colina Vaticana, estava montado um presbitério simples: toldo branco, tendo no centro uma cadeira, um microfone e um ambão. Ao fundo, no adro da Basílica, à esquerda junto da porta central, estava o crucifixo trazido da Igreja de São Marcelo no Corso e, à direita, o ícone de Maria *Salus Populi Romani*, que é conservado na Basílica de Santa Maria

⁶⁴ FRANCISCO, PP., Abertura da Porta Santa da Catedral de Bangui.

⁶⁵ FRANCISCO, PP., Abertura da Porta Santa da Catedral de Bangui.

⁶⁶ FRANCISCO, PP., Abertura da Porta Santa da Catedral de Bangui.

⁶⁷ FRANCISCO, PP., Abertura da Porta Santa da Catedral de Bangui.

⁶⁸ Lc 10,29-37.

⁶⁹ TORRALBA, F., Dicionario Bergoglio, p. 311-331.

Maior. A pedido do Papa, as imagens foram trazidas ao Vaticano, como tradicionalmente acontece em momentos dramáticos para vida da população.

As vestes usadas não eram litúrgicas, e não trazia consigo as insígnias da autoridade episcopal, pois “o vigário de Cristo estava despido, como estava Cristo no alto da cruz, na sua doação total pela salvação humana”.⁷⁰ Sentado, acompanhou a proclamação do Evangelho.⁷¹

Ao longo da sua homília o papa usou diversas vezes a metáfora da tempestade para significar o drama vivido pela humanidade, mas em nenhum momento se utilizou da palavra pandemia. Não deixou de dar destaque à situação difícil enfrentada pela humanidade, mas a insere em meio a tantas outras situações difíceis que também assolam a vida humana. O drama da pandemia não é negado, porém coloca em evidência a vulnerabilidade humana com suas falsas e supérfluas seguranças.⁷²

O Papa reza silenciosamente diante do quadro de Maria, o coro entoia *Sub tuum praesidium*. Terminada a oração, Francisco toca o ícone e se dirige para a imagem do Crucificado. Diante do Cristo crucificado, enquanto ora em silêncio, o coro entoia em latim a invocação feita durante a oração da Via Sacra: “Nós vos adoramos e vos bendizemos, porque pela vossa santa Cruz, remistes o mundo”. Em seguida, beija os pés da imagem. Adentra a Basílica e se paramenta. Na entrada, num altar improvisado, começa o momento de adoração ao Santíssimo. Em silêncio, após incensar o ostensório senta e contempla as espécies eucarísticas por aproximadamente cinco minutos. No momento das preces, a pandemia é mencionada em meio aos outros males que afligem a humanidade, seguindo a mesma proposta da homília. Anuncia-se a bênção *Urbi et Orbi*: com o ostensório na mão, caminha até a soleira da porta e traça o sinal da cruz sobre uma praça vazia: uma em direção a leste, outra a oeste e, por fim, ao sul. Não o faz na direção norte, pois ali se encontra a Basílica. E, assim, se retira.

Neste evento encontra-se condensada a teologia de Francisco, o Papa de dentro e fora, da igreja e da praça. Estando fora, despido de suas vestes litúrgicas o Papa se coloca em comunicação com o mundo. Não coloca em primeiro plano a súplica por uma cura milagrosa, mas “interpela individualmente cada pessoa a assumir suas responsabilidades no combate não apenas do coronavírus, mas a todo mal que produz os distanciamentos das pessoas”.⁷³ E convida ao ato de crer no amor misericordioso de Deus que não “dorme” enquanto seus filhos padecem. Em prece, eleva ao “Deus rico em misericórdia”⁷⁴ o sofrimento do seu povo; e testemunha a fé da Igreja, no momento mais dramático da história recente da humanidade, carregando em seu ministério petriano, os padecimentos e sofrimentos da humanidade.

Conclusão

Desde o início de seu pontificado, Francisco se apresenta com palavras e gestos carregados de densos significados, que colocam no centro a temática da Misericórdia. Frente aos inúmeros desafios atuais, enfrentados pela Igreja e pelo mundo, o presente artigo procurou

⁷⁰ VIEIRA, R., Elementos de estética teológica na teologia do Papa Francisco, p. 207.

⁷¹ Mc 4,35-45.

⁷² FRANCISCO, PP. Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia.

⁷³ OLIVEIRA, R., “Ao entardecer daquele dia”, ele saiu à praça para rezar, n. 80.

⁷⁴ Ef 2,4.

fundamentar em fontes biográficas e magisteriais, a relevância e as implicações deste tema. Verificou-se, portanto, conforme as indagações iniciais, como está entranhada a experiência de misericórdia em sua vida, tanto quanto em seu magistério.

Como ponto de partida foi apresentada sua biografia, buscando compreender sua cosmovisão, e identificou-se na sua vivência como religioso na América Latina do século XX, muito do que apareceria no seu pontificado, evidente desde o arcebispado em Buenos Aires. Por fim, está constado na bula do Jubileu o significado cristológico do tema da Misericórdia: a partir da sua encarnação, Cristo alcançou e redimiu todo homem, colocando-o em condição de voltar à aliança rompida pelo pecado; esta experiência do amor misericordioso de Deus manifestado em Jesus Cristo insere o crente no dinamismo do Seu amor, e suas responsabilidades eclesiais e sociais.

Nesta perspectiva, se compreende a proposta de uma “Igreja em saída”, pronta para alcançar todas as periferias que precisam do anúncio do amor misericordioso de Deus. E, assim, a missão da Igreja consiste em inserir esta época, marcada por grandes esperanças e fortes contradições, no grande mistério da misericórdia de Deus, pois nela se encontram os caminhos os dilemas humanos.

Para efeito de exemplificação de prática pastoral, este artigo apresenta, ainda, o Papa Francisco como primeira testemunha da Misericórdia. Logo no início de seu ministério pontifício, por meio da visita do Papa à ilha de Lampedusa em que denuncia a globalização da indiferença; da surpreendente abertura da Porta Santa na cidade de Bangui, na República Centro Africana, onde anuncia a misericórdia como caminho para o fim da guerra; e da bênção *Urbi et Orbi* por ocasião da pandemia em que evidencia a vulnerabilidade humana com suas falsas e supérfluas seguranças e faz um grande convite à fraternidade universal.

A pergunta motivadora desta pesquisa, encontrou sua resposta na pessoa, magistério e prática pastoral do Papa Francisco. A partir do conceito de Marcel Chappin, citado à Introdução, Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco, manifesta-se num caso evidente de historiografia da misericórdia. Seu impacto histórico-eclesial ainda se enumera. E sua fecundidade espiritual ainda se recolhe.

Referências Bibliográficas

AURÉLIO, M. **A Igreja do Papa Francisco à luz do Vaticano II**. São Paulo: Santuário, 2016.

BÍBLIA. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2017.

CHAPPIN, M. **Introdução à história da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

CODINA, V. **O Papa Francisco, uma revolução da Misericórdia**. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/548896-o-papa-francisco-uma-revolucao-da-misericordia-artigo-de-victor-codina>>. Acesso em: 28, abr., 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. **Lumen Gentium**: Sobre a igreja. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 28, abr., 2023.



CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: Sobre a igreja no mundo atual. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 28, abr., 2023.

FERREIRA, A. L. C. **Redescobrir a misericórdia**: Reflexões interdisciplinares a partir da *Misericordiae Vultus*. Brasília: CNBB, 2016.

FRANCISCO, PP. **Missa Crismal (Homilia)**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html>. Acesso em: 28, abr., 2023.

FRANCISCO, PP. **Santa Missa pelas vítimas do naufrágio (Homilia)**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html>. Acesso em: 28, abr., 2023.

FRANCISCO, PP. **A Igreja da Misericórdia**: minha visão para a Igreja. São Paulo: Schwarcz, 2014.

FRANCISCO, PP. *Misericordiae Vultus*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html>. Acesso em: 28, abr., 2023.

FRANCISCO, PP. *Evangelii Gaudium*: Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 28, abr., 2023.

FRANCISCO, PP. **A Igreja/Papa Francisco**. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Catequeses do Papa Francisco)

FRANCISCO, PP. **Abertura da Porta Santa da Catedral de Bangui**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20151129_repcentrafricana-omelia-cattedrale-bangui.html>. Acesso em: 28, abr., 2023.

FRANCISCO, PP. **Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html>. Acesso em: 28, abr., 2023.

HIMITIAN, E. **A vida de Francisco**: O papa do povo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

JOÃO PAULO II, PP. *Redemptor Hominis*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html>. Acesso em: 28, abr., 2023.

FRANCISCO, PP. *Dives in Misericordia*: Sobre a misericórdia divina. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html#-10>. Acesso em: 28, abr., 2023.



OLIVEIRA, R. “Ao entardecer daquele dia”, ele saiu à praça para rezar: a prece católica em tempos de distanciamento social. **Pontourbe – Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/9473>>. Acesso em: 28, abr., 2023.

QUEVEDO, L. G. **O novo rosto da Igreja**: Papa Francisco. São Paulo: Loyola, 2013.

TORNIELLI, A. **Francisco**: A vida e as ideias do papa latino-americano. São Paulo: Planeta, 2013.

TORRALBA, F. **Diccionario Bergoglio**: las palabras clave de un pontificado. Espanha: San Pablo, 2019.

VIEIRA, R. **Elementos de estética teológica na teologia do Papa Francisco**. Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

Rodolfo Gasparini Morbiolo

Mestre em Teologia pela PUC-SP (2011), Doutorando em Teologia pela PUC-SP
Professor no Instituto de Teologia “São João Paulo II” da Arquidiocese de Sorocaba/SP
E-mail: rodolfo.morbiolo@gmail.com

David Roger Siqueira

Bacharel em Teologia
pelo Instituto de Teologia “São João Paulo II” da Arquidiocese de Sorocaba/SP
E-mail: david.roger_@hotmail.com

Recebido em: 29/06/2023

Aprovado em: 22/03/2024